

Eu fico pensando assim: eu acho que o pior de tudo é a gente tentar ser quem não é pra agradar o outro. Você vai deixando de fazer as coisas, de ser quem você é porque a pessoa que está com você não quer, não gosta disso ou daquilo. Comigo, minha companheira, sem brincadeira, ela queria me proibir até de pegar carona quando eu saísse da faculdade. Carona, gente. Oxe, nada a ver. Eu pegava carona com duas colegas da turma, que era um casal. Que mal tinha nisso? Ela não. Ela achava que tinha problema. Fazia escândalo, vivia chegando em casa com as meninas pronto, escândalo e começava a criar várias situações na cabeça dela: que eu ia traindo, que estava dando em cima de mim. Nada a ver. Nunca traí, nunca, juro. Mas ela achava que eu ia trair a qualquer momento, se é que já não tinha traído várias vezes. Muita insegurança, muita. De com força. Acho que essa galera toda que é abusiva, no fundo, é muito insegura e vê que eu também sou insegura. Tinha muito abuso verbal, os xingamentos dela. Eu fui ficando com a autoestima lá no pé. Era muito pesado tudo que ela me dizia. Eu ficava mal, mas eu era apaixonada por ela. Eu gostava dela de verdade, sabe? Ainda gosto, eu acho, mas não dá mais não. A coisa piorou muito quando a gente se mudou de cidade. Interior, cidade pequena, longe da família, da minha e da dela, longe dos nossos amigos, num isolamento só. Era barril dobrado. O que tinha pra ir era a universidade. Ela estudava lá também. Eu fui fazendo amizade, já viu. Pirou. Surtou mesmo. Umas crises de ciúme, uma coisa horrível. Brother, queria me controlar o tempo todo, com quem eu andava, com quem eu falava. Pô, tinha ciúme até de homem. Rapaz, de homem, meu Deus! Eu falei um dia pra ela que ela estava doente. Eu falei, você não tá bem, porque isso é uma doença. Eu, eu fiquei mesmo um tempo tentando entender a cabeça dela, pensando como ajudar. Acho que o maior problema é esse: a gente quer ser cuidadora. A gente assume esse papel. Mulher é criada nesse patriarcado pra cuidar e servir. Isso é uma droga, porque pra se livrar desse pensamento, demora. Eu ainda tentei ajudar, mas cada vez mais a coisa piorava e eu ia afundando junto. Entrei numa depressão feia. A gente terminou quando a mãe dela morreu e ela voltou pra Cuiabá. Eu fiquei, quis ficar. Tinha meu estudo, já estava trabalhando também. Não ia com ela, não. Até fui ao enterro da mãe dela lá no Mato Grosso. Ela quis conversar, queria voltar, queria que eu fosse pra lá. Veio falando que o meu antigo emprego ainda estava lá me esperando. Ah, mas eu não fiquei, não. Voltei pra minha casa sozinha. Acabou. Nesse intervalo que a gente ficou separadas, porque a mãe dela ficou uns meses doente antes de morrer, ela voltou pra cuidar. Nesse meio tempo, com a distância, que eu me dei conta que estava muito ruim. Eu entendi que aquilo não ia mudar. Ia ser aquilo pra sempre, se não fosse pior. Só que ela não foi o meu primeiro relacionamento abusivo, né? Então, eu me culpei muito por repetir o erro, sabe? Nossa, como me culpei. Procurei uma psiquiatra depois da separação. Tô tomando tarja preta. Sem preconceito com o remédio, porque até tomar um monte de remédio com cerveja eu já tomei, mas só pra dormir. Agora eu tô tomando direito. Eu entendi também que só a terapia não ia ajudar, porque era a terceira vez que eu caía nisso, nesse abuso, uma violência psicológica, e eu decidi que ia ser a última. Agora eu tô me curando. Tô sozinha, me curando, gostando da minha própria companhia. Voltei a me aproximar dos meus amigos de vida. Foi tão bom. Tô com mais coragem, inclusive pra me conhecer melhor, pra viver meu caminho, minha liberdade, e nunca mais me meter em nada

assim de novo. É, um apoio psicológico e psiquiátrico que eu precisei. Não que todo mundo precise, mas eu precisei mesmo. E tô achando bom, porque sozinha eu não ia conseguir. Sozinha eu teria voltado pra ela. Teria saído correndo pro Mato Grosso pra viver tudo igual. Me enfiar num ciclo todo de novo.

ANA PAULA

*Sobreviventes*